

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA– UNB

ANA BEATRIZ DE OLIVEIRA SILVA

**O CONHECIMENTO DE HISTÓRIA DA LÍNGUA NA
FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Brasília
2017

ANA BEATRIZ DE OLIVEIRA SILVA

**O CONHECIMENTO DE HISTÓRIA DA LÍNGUA NA FORMAÇÃO DOS
PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciada em Letras
Português pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Flávia O. Maia-Pires

Brasília

2015

RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre a importância da história da língua portuguesa para a formação dos professores de português. A pesquisa foi motivada por perguntas coletadas em aulas de português, entre alunos da educação básica. Partindo de tais perguntas de pesquisa feita entre alunos do curso de licenciatura em Letras-Português da Universidade de Brasília, propomo-nos a investigar (i) se os futuros professores julgam relevante para suas formações acadêmicas o estudo da história da língua e (ii) se o conhecimento histórico da língua pode ajudar a responder algumas questões surgidas em sala de aula, sendo assim relevante para a prática docente. Para tanto, buscou-se bibliografia a respeito da formação histórica e linguística do português. A pesquisa estruturou-se da seguinte forma: conceituação de linguística histórica e história da língua; breve história da língua portuguesa, incluindo algumas línguas estrangeiras que a influenciaram; descrição e análise dos comentários dos alunos da disciplina de História da Língua Portuguesa acerca dos conhecimentos adquiridos na disciplina; explanação das questões motivadoras da pesquisa à luz dos conhecimentos em história da língua. Ao final do estudo, a importância do conhecimento em história da língua portuguesa para os futuros professores de português foi confirmada.

Palavras-chave: História da Língua Portuguesa; Ensino de língua portuguesa; História da língua aplicada ao ensino.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
LINGUÍSTICA HISTÓRICA E HISTÓRIA DA LÍNGUA: CONCEITUAÇÕES.....	7
1.1 Linguística Histórica	7
1.2 História da Língua	7
DO LATIM AO PORTUGUÊS DO BRASIL: BREVE HISTÓRIA.....	9
2.1 A Base da Língua Portuguesa	9
2.1.1 A Invasão Romana: Chegada do Latim à Península Ibérica.....	9
2.1.2 A Invasão Germânica: Aumento do Léxico.....	11
2.1.3 A Invasão Árabe: Desenvolvimento Cultural.....	12
2.1.4 A Reconquista: Do Galego-Português à Língua Portuguesa.....	12
2.2 O Português No Brasil	13
2.2.1 A Língua Portuguesa	13
2.2.2 As Línguas Indígenas	14
2.2.3 As Línguas Africanas	15
HISTÓRIA DA LÍNGUA NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE PORTUGUÊS	17
3.1 Perspectiva do Discente de Letras	17
3.2 Questionamentos em Sala de Aula: Ensino Fundamental e Médio	19
3.3 O Conhecimento Histórico como Resposta aos Questionamentos dos Estudantes Da Educação Básica	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
BIBLIOGRAFIA	23

INTRODUÇÃO

Atualmente, os estudos sincrônicos parecem predominar na formação acadêmica da área de Letras. No entanto, tal perspectiva não é suficiente para explicar todas as mudanças e variações de uma língua, o que gera confusões e dificuldades de entendimento da língua materna na educação básica. Por esse motivo, em muitos momentos, o conhecimento histórico de uma língua faz-se útil, uma vez que “não só a língua que falamos hoje é o resultado de muitas inovações ocorridas em épocas diferentes; na língua que falamos hoje convivem palavras e construções que remontam a épocas diferentes” (ILARI, 2009, p. 151).

Nesse sentido, o presente trabalho visa à análise e à reflexão sobre a importância do estudo da história da língua para a formação de futuros professores de língua portuguesa. A motivação do estudo tem como base questionamentos de alunos do ensino básico coletados em aula. Algumas questões levantadas:

- ❖ Qual a relação entre a palavra abelha e a palavra apicultura?
- ❖ Existe relação entre a palavra terra e a palavra terror?
- ❖ Qual a relação entre as palavras cavalo e equino?
- ❖ Por que palavras como olho e ocular pertencem ao mesmo campo semântico, mas possuem radicais completamente diferentes?

Trata-se de perguntas comuns em sala de aula, mas nem sempre fáceis de responder. Haveria na formação dos professores de português suporte necessário que os capacite para explicar tais questões? Para responder a essa pergunta, buscou-se a disciplina História da Língua Portuguesa, integrante do currículo obrigatório da habilitação em Letras – Português na Universidade de Brasília. Esta disciplina, em vigência desde 1989, destina-se ao estudo diacrônico e sincrônico da língua portuguesa, desde suas origens no latim até as influências de línguas indígenas e africanas no desenvolvimento do português falado hoje no Brasil.

A busca por aspectos não só internos como externos constituintes da história de uma língua justifica-se pela relação já comprovada de influência de fatores sociais ou mesmo geográficos no desenvolvimento linguístico. Por outro lado, o estudo histórico da língua abarca também mudanças fonológicas, morfológicas

esintáticas, visto que, por vezes, semelhanças ou diferenças internas entre vocábulos encontram suas explicações em movimentos ocorridos há tempos.

Tendo isso em vista, a pesquisa tem como objeto de estudo a relevância do estudo da história da língua portuguesa para formação de futuros professores de português, objetivando responder ao seguinte questionamento: Como os conhecimentos adquiridos em história da língua podem auxiliar o professor na prática docente?

No intuito de responder a tal pergunta, o trabalho inicia-se com conceituações de dois termos que serão bastante usados: linguística histórica e história da língua. Adiante, a história da língua portuguesa é traçada de forma resumida, comentando-se o caminho do latim ao português falado no Brasil e algumas influências estrangeiras presentes na língua. Em seguida, têm vez as reflexões de alguns dos futuros professores de português. Dez alunos de licenciatura em Letras – Português na Universidade de Brasília foram questionados a respeito da relevância do estudo da história da língua portuguesa para suas formações e práticas docentes.

Por fim, buscou-se verificar se as dúvidas motivadoras da pesquisa poderiam ser sanadas utilizando-se os conhecimentos em história da língua portuguesa como fontes para a explicação. As análises desses dados, bem como as conclusões levantadas a partir delas são apresentadas antes das considerações finais, a que se destina o resultado das análises e reflexões surgidas durante todo o estudo.

LINGUÍSTICA HISTÓRICA E HISTÓRIA DA LÍNGUA: CONCEITUAÇÕES

Para início de discussão teórica, faz-se necessária a conceituação de duas disciplinas linguísticas: a linguística histórica e a história da língua. Enquanto aquela estuda “as mudanças que ocorrem nas línguas humanas, à medida que o tempo passa” (FARACO, 2005, p. 13), a segunda investiga o conjunto de conhecimentos adquiridos a respeito de uma língua.

1.1 Linguística Histórica

Castro (1991, p. 11) afirma que “o objeto de estudo da Linguística Histórica é a mudança linguística, ou seja, o processo pelo qual uma língua viva não estagna, mas evolui, acompanhando o evoluir da sociedade que a utiliza como instrumento de comunicação”. Entre essas mudanças, estão contidas não só as lexicais, mas também as morfológicas, as sintáticas e as fonéticas, na qual se concentraram os primeiros estudos linguísticos.

A esse respeito, Mattos e Silva (2008) aponta duas grandes vertentes: a *latu sensu* e a *stricto sensu*. A *latu sensu* trabalha com as teorias baseadas em *corpora* datados e localizados, ou seja, uma perspectiva sincrônica de análise. Já a *stricto sensu* trabalha com as mudanças linguísticas no decorrer do tempo em que determinada língua é usada, sendo essa a concepção comumente atrelada à linguística histórica e a utilizada na presente pesquisa.

1.2 História Da Língua

Apona-se como história da língua o conjunto de conhecimentos históricos, desde os aspectos formais até aspectos sociais que nela interferiram, a respeito de uma língua. Desse modo, pode-se estudar a história de várias ou de uma língua em particular.

Segundo Castro (1991, p. 15), enquanto a linguística histórica ocupa-se da mudança linguística como um todo, “o objeto da história da língua é uma língua em particular, na sua existência definida temporal e espacialmente, o que significa que os fatos linguísticos devem ser permanentemente correlacionados com fatos históricos, que os condicionaram”. Dessa forma, história da língua pode ser entendida como disciplina que aborda a evolução da língua, podendo ser “integrante tanto da linguística histórica como da história propriamente dita” (IBIDEM).

DO LATIM AO PORTUGUÊS DO BRASIL: BREVE HISTÓRIA

2.1 A Base da Língua Portuguesa

A língua portuguesa faz parte do grupo de línguas que resultaram das transformações do latim vulgar, as chamadas línguas *neolatinas*. O percurso entre a língua surgida na região do Lácio, levada à península ibérica pelos romanos, e a formação do português arcaico é o que se pretende traçar neste espaço.

2.1.1 A invasão romana: chegada do latim à Península Ibérica

Antes de ser habitada por romanos, a península ibérica fora habitada por vários povos, com diversas culturas e línguas. Dentre esses povos, destacaram-se os celtas, que permaneceram no local com bastante influência até a época das Guerras Púnicas, entre romanos e cartaginenses pela soberania no Mar Mediterrâneo.

Os romanos iniciaram a invasão da Península no século II a.C. (BARBOSA, 2005, p. 2), mas a conquista não se deu de forma imediata, sendo necessárias várias campanhas até a total pacificação do território e sua divisão em cinco províncias: Galécia, Tarraconense, Lusitânia, Cartaginense e Bética. “O resultado desse laborioso processo de conquista romana são os diferentes graus de romanização das províncias” (BASSO; GONÇALVES, 2014, p. 105).

Devido a esses diferentes graus, a evolução do latim também não ocorreu de maneira uniformizada: na Lusitânia, região mais cosmopolizada, a adaptação foi cedo, acompanhando a rápida romanização. Também a adesão ao cristianismo, introduzido nas cidades da Hispânia a partir do século I e tornado religião oficial do império em 380 pelo imperador hispano Teodósio I, contribuiu para popularizar o latim (BARBOSA, 2005, p.3). Já na região da Galécia, a tardia romanização, o carácter rural e o isolamento resultaram em uma menor assimilação cultural e linguística, que levou ao desenvolvimento de uma variedade de latim com influências da língua galaica.

Dessa forma, tem-se na parte mais desenvolvida do império um latim oficial, culto e mais conservador e, do outro lado, o latim falado principalmente nas províncias mais distantes do Império, com um caráter mais inovador, havendo desde já um distanciamento do original latim imperial. Essa divisão evidencia a influência de elementos extralinguísticos na formação de uma língua. Castilho (2005, p.7) explica:

Nas culturas desenvolvidas há um número maior de escolas, alguns particulares organizam bibliotecas, disseminando-se a informação mais regularmente. Pessoas expostas a essas instituições desenvolvem naturalmente o conceito de que há uma tradição, há um passado a conservar, conhecido pelo que se aprende na escola e se lê nas bibliotecas. (...) É por isso que se entende o “conservadorismo linguístico”. Uma cultura menos desenvolvida não cultiva esse sentimento, e a comunidade está mais aberta às tendências próprias de mudança linguística, tanto quanto às influências de outras culturas. Conserva-se menos o estágio linguístico herdado dos antepassados, logo alterado pelas mudanças gramaticais. É isso que se entende por “inovadorismo linguístico”.

Por seu caráter falado, é difícil descrever completamente o latim vulgar, uma vez que os poucos registros que se tem dessa variante foram provavelmente escritos por pessoas que dominavam o latim culto. Este é o caso do texto *Appendix Probi*, uma lista preparada pelo gramático Probo para evitar que seus alunos usassem formas vulgares. O quadro a seguir, retirado de Castilho (2005, p.9), contém uma amostra dessa lista, com algumas conclusões que podem ser retiradas de sua análise.

LISTA DE PALAVRAS	QUE SE APRENDE COM ISSO
<i>Speculum, non speclum</i>	A vogal depois da tônica estava sumindo; é por isso que dizemos agora espelho, que deriva do vulgar <i>speclum</i> .
<i>Aquaeductus, non aquiductus</i>	O genitivo –ae estava mudando para i, daqui tendo derivado Português aqueduto.
<i>Formica, non furmica</i>	A vogal antes da tônica estava se fechando, o que ocorre ainda hoje em <i>cumida</i> , escrito “comida”.
<i>Plebes, non pelvis</i>	A consoante <i>b</i> estava mudando para <i>v</i> , por isso dizemos agora “amava” e não <i>amaba</i> , imperfeito do indicativo culto de amare.

A observação desses exemplos mostra como os estudiosos do latim na época tinham consciência das mudanças que ocorriam na língua, pois há aqui uma tentativa de manter uma norma culta. Ao mesmo tempo, podemos perceber que a língua seguia um curso natural, apesar da normatização, uma vez que, ao menos nos casos acima, a variante falada hoje claramente descende da então considerada errada. Exemplos como esses evidenciam o caráter mutável da língua.

2.1.2A invasão germânica: aumento do léxico

No século V, a península Ibérica foi ocupada por povos de origem germânica e o território foi então conquistado por alguns desses povos. Em 410 os suevos estabeleceram na Galécia o reino Suevo, e na Lusitânia os alanos chegaram a conquistar algo, mas foram os visigodos os grandes dominadores da península.

Segundo Teyssier, (1997, p. 18) Estes povos adotaram em grande parte a cultura romana, incluindo as leis, o cristianismo e a língua – o latim escritomanteve-se na Europa como língua franca, jurídica e litúrgica. Contudo, não se tratava de um movimento unilateral, de modo que também o latim sofreu influências das línguas germânicas, principalmente no campo semântico ligado à guerra e a vestimentas, além de alguns nomes próprios e topônimos.

Assim a presença germânica, sobretudo os três séculos de domínio visigótico, deixou numerosas palavras na língua portuguesa, entre elas: elmo, orgulho, sabão, burgo, brasa, trégua, luva, espora, albergue, fralda, coifa, feudo, embaixada, rico, branco e guerra (ASSIS, p.8). Sobre esta última, vale a observação de que ela é até hoje usada no português como substantivo, mas não apagou por completo a herança latina *bellum* em seus cognatos, como é o caso do adjetivo bélico.

2.1.3A invasão árabe: desenvolvimento cultural

O domínio dos visigodos manteve-se até 711, quando tropas muçulmanas vindas do Norte de África ocuparam a península Ibérica, com exceção do reino das Astúrias – de onde, a partir de 722, teria início o demorado processo de retomada do território pelos cristãos.

Os árabes foram muito importantes para o desenvolvimento cultural e científico da região da Ibéria. Trouxeram diversos conhecimentos em agricultura, filosofia e arquitetura, além de traduções de textos clássicos gregos, outrora destruídos pela intolerância religiosa dos cristãos (CASTILHO, 2005, p. 22).

Na área linguística, a língua falada pelos peninsulares – a mistura de um latim vulgar já bastante transformado - continuou a ser usada, modificando-se com a entrada de novos vocábulos, ao mesmo tempo em que modificava o árabe. Muitas das palavras no português de origem árabe são identificáveis pelo prefixo al- (correspondente ao artigo definido o). Muitos desses vocábulos – mostrando, mais uma vez, a influência da cultura na língua – são ligados ao comércio, à matemática e à agricultura. São exemplos de palavras de origem árabe: alfândega, algarismo, açougue, armazém, bazar, álgebra, alforje, açude, adobe, azulejo, aldeia, alcateia, atum e gazela (TEYSSIER, 1997, p. 18).

2.1.4 A Reconquista: do galego-português à língua portuguesa

Como citado anteriormente, o processo de reconquista do território ibérico foi lento e partiu da região norte rumo ao sul. Foi durante esse período, no século XII, que nasceu o reino independente de Portugal, fato determinante para a sobrevivência do galego-português, língua peninsular que havia se formado no lado oeste da península (havia, ainda, o castelhano na região central e o catalão, a leste). Após a Reconquista, a língua galego-portuguesa foi adotada pelos moçárabes (palavra que significa “submetido ao árabe”) do país, por aqueles que participaram do repovoamento promovido pelos soberanos cristãos e por muçulmanos que ali haviam ficado (TEYSSIER, 1997, p. 8). Durante muito tempo, o galego-português foi ainda a língua da lírica em toda a península, com exceção da parte oriental.

A independência de Portugal e as mudanças culturais, sociais e econômicas ocorridas resultantes dela fizeram com que o galego-português fosse aos poucos se enfraquecendo, abrindo espaço à aparição definitiva do português, que fortificou a unidade da nação até que, em 1290, D. Dinis tornou a língua portuguesa o idioma oficial do território. Segundo Castilho (2005, p. 34),

levou tempo para que se tomasse consciência do Português como uma nova língua. Tiveram importância nesse ofício duas instituições, que agiram como centros irradiadores de cultura na Idade Média: os mosteiros, onde se levavam a cabo traduções de obras latinas, francesas e espanholas (Mosteiros de Santa Cruz e Alcobaça) e a Corte, para a qual convergiam os interesses nacionais.

Houve, durante algum tempo, debates a respeito da real importância da língua portuguesa, bem como um princípio de disputa entre esta e o castelhano. Contudo, a língua prosseguiu sendo organizada e defendida por estudiosos da língua, entre eles os autores das duas primeiras Gramáticas da Língua Portuguesa - Fernão de Oliveira, que publicou sua gramática em 1536; e João de Barros, somando sua contribuição em 1540.

2.2 O Português no Brasil

O Brasil foi descoberto em 1500, mas tal período não corresponde, necessariamente, ao tempo de língua portuguesa no Brasil. Isso porque a colonização do território deu-se apenas a partir de 1532, com a chegada dos primeiros colonizadores. Entre o início do século XVI e os dias atuais, o português no Brasil percorreu um longo caminho, passando por novas influências linguísticas e sociais.

2.2.1 A língua portuguesa

Embora não houvesse um esforço de colonização no primeiro século de dominação portuguesa, havia o contato entre colonizador e colonizado. Alguns portugueses foram para a colônia, sobretudo no litoral. Foi com esses

primeiros portugueses que se iniciou o intercâmbio cultural que possibilitaria o estabelecimento da língua portuguesa como idioma popular.

O português trazido pelos colonizadores foi a variante clássica, que passava por um processo de transformação de uma ortografia bem fonética para uma ortografia pseudoetimológica – sobre este tipo de ortografia, Basso e Gonçalves (2014, p. 193) explicam que:

(...) baseia-se na ideia de guardar na escrita das palavras parte de sua origem etimológica em detrimento de sua transparência sonora. Essa ortografia é, em parte, o resultado da chegada do Renascimento a Portugal, que levou os portugueses a quererem afirmar sua origem romana (e também a grega) através do resgate da ortografia dessas línguas. Essa ortografia é também motivada pelo uso da prensa e pela necessidade de padronização, somado ao desejo (ou necessidade) de se distanciar do espanhol, que prezava por uma ortografia fonética.

Concorrendo com o Português, no período colonial, existiam ainda as diversas línguas dos povos que aqui se encontravam à época da colonização e, mais adiante, as também diversas línguas trazidas pelos africanos escravizados. Segundo Teyssier (1997, p. 62), no período colonial:

Os “colonos” de origem portuguesa falam o português europeu, mas evidentemente com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo. As populações de origem indígena, africana ou mestiça aprendem o português, mas manejam-no de uma forma imperfeita. Ao lado do português existe a *língua geral*, que é o tupi, principal língua indígena das regiões costeiras, mas um tupi simplificado, gramaticalizado pelos jesuítas e, destarte, tornado uma língua comum.

Nesse sentido, formaram a base da língua portuguesa falada hoje no Brasil não só a língua portuguesa, como também as línguas indígenas e as línguas africanas.

2.2.2 As línguas indígenas

Ao chegarem ao Brasil, os portugueses encontraram os índios, divididos em várias tribos, tradições e línguas. Os contatos iniciais eram feitos por uma linguagem fácil de base tupi. Contudo, os padres jesuítas julgavam importante aprender a língua dos nativos. “Essa língua foi estudada, fixada em catecismos, dicionários e gramáticas e institucionalizada como língua de contato entre colonizadores e índios”

(ASSIS, p.150). Surgia daí o conceito de língua geral, predominante principalmente na região paulistana e na região amazônica, com características diferentes em cada uma. As línguas gerais foram o principal código de comunicação na colônia e durante muito tempo conviveu com o português falado na costa e ensinado nas escolas. Nesse período, a maior parte da população era ainda indígena.

Contudo, a línguageral entrou em decadência a partir da segunda metade do século XVIII. Teyssier (1997, p. 63) aponta algumas razões para tal fato, entre as quais:

a chegada de numerosos imigrantes portugueses seduzidos pela descoberta das minas de ouro e diamantes e o Diretório criado pelo marquês Pombal em 3 de maio de 1757, cujas decisões, aplicadas primeiro ao Pará e ao Maranhão, estenderam-se, em 17 de agosto de 1758, a todo o Brasil. Por elas proibia-se o uso da língua geral e obrigava-se oficialmente o da língua portuguesa. A expulsão dos jesuítas, em 1759, afastava da colônia os principais protetores da língua geral. Cinquenta anos mais tarde, o português eliminaria definitivamente esta última como língua comum, restando dela apenas um certo número de palavras integradas no português local e muitos topônimos.

Embora não tenham sido comprovadas influências fonológicas ou gramaticais das línguas indígenas (CASTILHO, 2012, p. 180), o português incorporou de tais línguas vários vocábulos, principalmente do tupi-guarani. Algumas contribuições lexicais: pipoca, maracujá, aipim (mandioca), jacaré, sabiá, tatu, jararaca, pitanga, goiaba e topônimos como Guanabara e Maracanã.

2.2.3 As línguas africanas

Ao lado das inúmeras línguas indígenas, a língua portuguesa conviveu também com as línguas africanas trazidas para o Brasil pelos diferentes grupos escravizados. Infelizmente, as condições a que foram submetidas essas pessoas prejudicaram a preservação de dados, geográficos ou étnicos, para o rastreamento total dessas línguas, contudo sabemos que elas vinham basicamente de duas regiões subsaarianas: região banto e região sudanesa (PESSOA DE CASTRO, 2012, p.3).

Ao desembarcarem no Brasil, os africanos, separados pelos portugueses de seus grupos linguísticos, adquiriam conhecimento da língua geral, uma vez que

precisavam comunicar-se com seus senhores e demais moradores da colônia. Essa interação, somada ao crescente número de africanos e descendentes no Brasil tornou inevitável que as línguas entrassem em algum contato e que, com o tempo, a língua falada na colônia sofresse influências e acréscimos das línguas africanas.

Detalhar tais influências, porém, é tarefa complicada, uma vez que, embora venham ganhando espaço entre as pesquisas linguísticas, os estudos sobre as influências africanas no português são ainda escassos. Castilho (2012, p. 181) aponta que “os primeiros textos atribuem aos africanos simplificações da morfologia nominal e verbal que outros textos atribuem igualmente aos indígenas”. Ainda assim, podemos citar algumas contribuições lexicais, entre elas: bagunça, cachaça, moleque e cachimbo, todas de origem banto, de acordo com Pessoa de Castro (2012, p. 9).

A língua portuguesa, portanto, seguindo interesses governamentais e, principalmente, econômicos da metrópole, foi imposta como idioma oficial e obrigatório, suplantando as demais e, por vezes, provocando seu extermínio. No entanto, não saiu ilesa a tais línguas, das quais incorporou características morfológicas, sintáticas e fonológicas, as quais contribuíram para a formação do português falado hoje em território brasileiro.

HISTÓRIA DA LÍNGUA NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE PORTUGUÊS

Embora, nos últimos tempos, os estudos sociolinguísticos tenham ganhado espaço na pesquisa linguística em geral, o pouco que se vê deles em sala de aula é ligado, majoritariamente, aos estudos sincrônicos, sobretudo no que diz respeito à reflexão sobre as variações presentes na língua. Por outro viés, os estudos gerativistas da gramática mostram algo da evolução da língua através do tempo, mas não se concentram nas questões extralinguísticas (MATTOS E SILVA, 1999, p.5).

Desta forma se, por um lado, é um ganho para os alunos a inserção de novas visões linguísticas no ensino do português, por outro, parece cada vez maior o número de exceções e relativismos no ensino da língua portuguesa, o que, em certa medida, colabora para a dificuldade dos professores em fazer os alunos compreenderem e – por que não? – apreciarem a disciplina.

Haveria, no estudo da história da língua, um caminho para a resolução de alguns desses problemas? Qual a relevância de tal estudo para os futuros professores de português? Para responder a essas perguntas, convidamos alunos do curso de licenciatura em português da Universidade de Brasília a discorrerem sobre a relevância dos conhecimentos adquiridos na disciplina para suas formações como professores. Em seguida, buscamos usar os conhecimentos em história da língua para responder aos questionamentos feitos pelos alunos do ensino básico.

3.1 Perspectiva do discente de Letras

Caetano Galindo (*apud* BASSO; GONÇALVES, 2014, p. 15) afirma que “se a língua que falamos é o que somos, ou no mínimo faz parte indelével da nossa mente, do nosso mundo, estudar sua história nesses termos é não somente saber de onde viemos, mas é fundamentalmente saber quem somos.” Para colaborar com a capacitação do professor para tal tarefa, há, no currículo da licenciatura em Letras – Português da Universidade de Brasília, tal qual em outras faculdades (com nomes

às vezes diferentes, mas programas parecidos) a disciplina intitulada História da Língua Portuguesa, cujo conteúdo compreende:

Unidade 1: Do latim ao português antigo. Estrutura e evolução do latim vulgar. Nascimento das línguas românicas: constituição, evolução político-linguística e estado atual.
 Unidade 2: O português antigo. Ascensão do português oral à língua dotada de escrita. O português antigo como etapa de trânsito entre o primitivo galego-português e o português clássico. Visão filológica e visão linguística.
 Unidade 3: A mudança linguística. Variação fonética, efeitos no sistema fonológico e reflexos no sistema ortográfico. Algumas regras de funcionamento da morfologia e da sintaxe. Variação e mudança no léxico.
 Unidade 4: O português clássico. O testemunho dos gramáticos e lexicógrafos. Vocalismo e consonantismo, evolução e registro na gramática.
 Unidade 5: A mudança morfofonêmica e os efeitos na ortografia das variedades do português europeu e brasileiro.

Como pode ser constatado, nessa disciplina os universitários estudam das influências externas para a formação da língua às mudanças internas ocorridas desde sua origem, no Latim, até o português falado hoje no Brasil. A importância de tal estudo comprovou-se nos comentários obtidos pelos alunos da disciplina. Foram entrevistados dez alunos com idades entre dezenove e vinte e quatro anos, de ambos os sexos, todos em sua primeira graduação e cursando entre o quarto e o sétimo semestre. Embora dois alunos tenham se mostrado indiferentes aos conhecimentos adquiridos, a maioria pareceu ver como positivo o estudo, sobretudo no que diz respeito às mudanças lexicais:

(Aluno A) “Nos dias atuais, em que a informação flui cada vez mais rápida, comumente não se para a pensar o porquê de certa palavra ser escrita assim, ou de ter aquele significado. Como consequência, é grande a possibilidade de um profissional que escreve mal por desconhecer as acepções no uso de determinados vocábulos.”

(Aluno B) “Pude aprender a enxergar as palavras de outro ponto de vista, sabendo que elas têm uma história e que às vezes as utilizamos com um sentido, sendo que etimologicamente possuíam outra significação.”

Além disso, notou-se nos futuros professores a preocupação com o ensino e a necessidade de reflexão sobre a prática docente, segundo alguns relatos:

(Aluno C) “Conhecer a história da língua é imprescindível para ensiná-la e para elaborar aulas que despertem o interesse dos alunos e que mostrem a eles que a aprendizagem da língua portuguesa, além de ser fundamental, pode ser prazerosa.”

(Aluno D) “Entender que as palavras podem ganhar novas conotações ou denotações ajuda a evitar equívocos. É importante que o professor de língua tenha pelo menos algum conhecimento sobre o vocabulário arcaico e que domine o atual.”

Para esses universitários, portanto, estudar a história da língua fez-se importante tanto para aumentar o conhecimento deles como alunos, quanto para compor a base teórica de seus futuros como agentes do ensino do português.

3.2 Questionamentos em sala de aula: ensino fundamental e médio

De acordo com as reflexões apresentadas pelos futuros professores de português entrevistados no presente estudo, conhecer a história da língua portuguesa é importante para a prática escolar na medida em que oferece suporte teórico ao docente em explicações de dúvidas que podem surgir com o enfoque sincrônico.

Nesse sentido, recuperamos aqui algumas perguntas motivadoras desta pesquisa, com o intuito de verificar a possibilidade de uso dos conhecimentos históricos na explanação de tais questões, as quais podem aparecer em qualquer aula de língua portuguesa. Oito alunos participaram da pesquisa – quatro do sexo feminino e quatro do sexo masculino -, com idades entre dez e dezessete anos e cursando desde o sexto ano do Ensino Fundamental até o terceiro ano do Ensino Médio, todos em colégios particulares de Brasília. Algumas questões levantadas:

- ❖ Qual a relação entre a palavra abelha e a palavra apicultura?
- ❖ Existe relação entre a palavra terra e a palavra terror?
- ❖ Qual a relação entre as palavras cavalo e equino?
- ❖ Por que palavras como olho e ocular pertencem ao mesmo campo semântico, mas possuem radicais completamente diferentes?

De posse das perguntas e do arcabouço teórico em história da língua portuguesa, passaremos, a seguir, à explicação dessas questões.

3.3O conhecimento histórico como resposta aos questionamentos dos estudantes da educação básica

Tomemos como exemplo o questionamento levantado a respeito da relação entre “abelha” e “apicultura”. Sabe-se que *apis* é a forma no latim culto para abelha. Sendo assim, torna-se óbvia sua relação com o substantivo apicultura. Contudo, como explicar a palavra abelha?

Se voltarmos ao latim vulgar, temos *apícula*, com o sufixo “-cula” indicador de diminutivo. Analisando as mudanças fonéticas na passagem do latim para o português, percebe-se com frequência a transformação de formas como “-cla” em “lha”. O fenômeno é o mesmo evidenciado na palavra olho: Com a queda da vogal pós-tônica, formou-se *oc’lu* (de *ocūlum*), conforme explica Teyssier (1997, p. 13):

Nesta posição, *c*, pronunciado [k] passa a *yod* ([y]): *oc’lu* > **oylo*. Esta evolução é comum a todos os falares hispânicos. Mas as consequências não serão as mesmas segundo as regiões: em galego-português [-yl-] passa a [lh] palatal, ou “molhado”, ao passo que em castelhano passa à africada [dž], escrita *j*.

De posse de tais informações, podemos estabelecer com origem da palavra abelha a variante do latim vulgar *apícula* - em vez da variante do latim culto *apis* – e traçar um caminho entre as duas palavras, passando pela síncope da vogal *u*, a passagem da vogal *i* para a vogal *e* e a sonorização da bilabial *p*, que passa a ser pronunciada como *b*.

De fato, em consulta a um dicionário etimológico, obtém-se a palavra *apícula* como origem da palavra “abelha”, que teria entrado no vocabulário português no século XIII. Enquanto isso, consta apenas *apis* como origem da palavra apicultura, com data de entrada em 1871, seis séculos depois (HOUAISS, 2009). Assim, a diferença notada entre os radicais das palavras abelha e apicultura, a despeito de possuírem relação semântica entre si, é explicada pela origem distinta das duas formas: enquanto a primeira originou-se provavelmente do latim vulgar, já no início da formação do português, temos na segunda forma mais erudita, empréstimo feito do latim clássico e em momento posterior. Algo semelhante ocorre em palavras como orelha - com origem em *oricula*, do latim vulgar, e que possui relação semântica com a palavra auricular, cuja origem remete a *auris*, do latim clássico.

Essa dupla origem – latim vulgar e latim clássico - de termos relacionados na língua portuguesa é comum e tem sua explicação em elementos históricos: Houve, durante o renascimento, um movimento forte de retomada do vocabulário erudito, o que resultou na adição de termos do latim clássico ao léxico português da época. Empréstimos também foram feitos, em vários momentos, para preencher outras funções semânticas. “Assim, ao lado de “casa”, temos “domicílio” e “edificação”, originárias de *domuse aedis*; ao lado de “cavalo”, temos “equitação”, de *equus*; e ao lado de “campo” temos “agricultura”, de *ager*” (BASSO; GONÇALVES, 2014, p. 60). No caso da palavra cavalo, evolução do latim vulgar *caballus*, é interessante notar que até hoje as palavras derivadas do clássico *equus* possuem uma carga semântica mais culta, lembrando a distinção que já existia quando as duas variantes do latim conviviam.

Temos, assim, alguns exemplos de como o conhecimento em história da língua portuguesa pode auxiliar na explanação de certas dúvidas surgidas no contexto escolar, uma vez que, em diversos casos, a disparidade ou similaridade fonética e morfológica entre dois termos de um mesmo campo semântico não pode ser explicada de forma sincrônica: é resultado de uma sucessão de fenômenos linguísticos, observáveis apenas através do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do tempo, todas as línguas mudam. O português do século XV, por exemplo, é substancialmente diferente do português do século XXI. É com essas mudanças que a linguística histórica preocupa-se, utilizando comparações e descrições, bem como análise de fatores externos e internos de influência, na tentativa de montar o quebra-cabeça que é a história de formação de uma língua.

O português falado hoje no Brasil é fruto de uma série transformações: de uso, de política, de território, de necessidades. Tendo sofrido influência de várias línguas estrangeiras desde sua origem latina, tornou-se uma língua de vocabulário bastante extenso, contendo, muitas vezes, palavras aparentemente totalmente diferentes com significados parecidos, e vice-versa.

Tendo isso em vista, o presente estudo teve como objetivo recuperar parte da história da língua portuguesa, refletindo sobre a relevância de tal conhecimento para o enriquecimento do ensino de língua portuguesa. Buscou-se, na história da língua, resposta para questionamentos feitos em sala de aula e o saldo foi positivo, uma vez que pudemos confirmar que os conhecimentos históricos podem contribuir para a prática docente, na medida em que explicam alguns movimentos linguísticos os quais só podem ser observados em uma análise através do tempo.

Além disso, buscamos nos próprios alunos de licenciatura em língua portuguesa a reflexão sobre essa importância. Também os futuros professores mostraram-se convencidos da relevância do estudo da história de uma língua. A maioria dos entrevistados julgou elucidativo tanto quanto importante o conjunto de saberes adquiridos ao longo da disciplina História da Língua Portuguesa, no âmbito da Universidade de Brasília, pois tais saberes ajudam a preencher lacunas que os estudos sincrônicos por vezes encontram.

Assim, ensinar a língua portuguesa pode ser não apenas descrever paradigmas gramaticais, como também despertar no aluno a consciência linguística de que a língua é um organismo múltiplo e complexo, passível de mudanças e inevitavelmente ligado à organização social e à história de uma nação, motivo que faz com que seja comprovada a relevância, tal como de todos os campos da linguística, do estudo da história de uma língua para a prática docente.

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Maria Cristina. **História da Língua Portuguesa**. João Pessoa: UFPB, 2011. Disponível em: <http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/histaria_da_langua_portuguesa_1360184313.pdf> Acesso em 2 de maio de 2015.

BARBOSA, José Manuel. **Unha história da língua**. Portal Galego da Língua, 2005. Disponível em: http://agal-gz.org/faq/lib/exe/fetch.php?media=contributos-pgl:uma_historia_da_lingua.pdf> Acesso em 2 de maio de 2015.

BASSO, Renato Miguel; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **História Concisa da Língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2014.

CASTILHO, Ataliba de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Como, onde e quando nasceu a língua portuguesa?** Museu da Língua Portuguesa, 2005. Disponível em: <http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php?id_coluna=9> Acesso em 25 de maio de 2015.

CASTRO, Ivo. **Curso de História da Língua Portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**. São Paulo: Parábola, 2005.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2009.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Orientações atuais da linguística histórica brasileira**. Delta, São Paulo, n.15, p 147-166, 1999. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/2873>> Acesso em 19 de junho de 2015.

_____. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Como se estruturou a língua portuguesa?**
Museu da Língua Portuguesa, 2009. Disponível
em:[http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php?id_coluna=](http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php?id_coluna=10)
10Acesso em 25 de maio de 2015.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. **A influência das línguas africanas no português brasileiro.** Disponível em:
<[http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-](http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas.pdf)
africanas.pdf>Acesso em 19 de junho de 2015.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.** Rio de Janeiro: INL/MEC, 1963.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa.** Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.